

A construção social do prazer

O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias.

MUCHEMBLED, Robert.

São Paulo: Martins Fontes, 2007. 377 p.

(Tradução de Monica Stahel do original *L'Orgasme et l'Occident: une histoire du plaisir du XVI^e siècle à nos jours*. Paris: Seuil, 2005).

Traduzido no Brasil dois anos após seu lançamento na França, *O orgasmo e o Ocidente* é o segundo livro de Robert Muchembled publicado no país, que começa a receber a produção de um autor destacado na historiografia francesa contemporânea. Voltada ao percurso do prazer ao longo dos últimos cinco séculos nos discursos religioso, literário e político, essa obra analisa comparativamente França e Inglaterra e, no século XX, os desdobramentos da revolução sexual nos Estados Unidos, enfatizando o impacto da volúpia nas mentalidades.

Seguindo sua análise em *Uma história do Diabo*,¹ de como o medo do Maligno construiu uma identidade coletiva da Europa ocidental, estimulada pela descoberta do Novo Mundo e pelas reformas religiosas, nessa nova obra Muchembled explora como o prazer, seja em sua busca, seja em sua repressão, não apenas impulsionou indivíduos, mas também dinamizou os países abordados. Observa-se, após cada voga repressiva, um período de busca pela libertação das amarras impostas e uma conseqüente revitalização intelectual, e desse desequilíbrio entre sublimação do prazer e hedonismo ressalta-se a construção dos comportamentos.

Diferentemente de Michel Foucault,² o autor foca nos meados do século XVI, a partir da conjunção de esforços entre Igreja e Estado no sentido de controlar os corpos e disciplinar as consciências de seus sujeitos, uma intensa repressão do prazer, recuada apenas a partir da década de 1960. Seguindo essa evolução, a obra divide-se em três partes, correspondentes à concepção da sexualidade no mundo

ocidental: séculos XVI e XVII, com o binômio prazer e dor; do século XVIII a 1960, quando, após uma "liberalização dos costumes" nos primeiros cem anos, manifesta-se um retrocesso com o puritanismo; e a partir de 1960, quando o autor dedica-se à contraposição entre um hedonismo europeu e a continuidade do modelo repressor nos Estados Unidos.

A primeira fase, marcada pela acentuada desconfiança em relação ao feminino e intensamente influenciada pelo discurso religioso, apresenta no extremo da suspeição as pretensas bruxas. Observa-se nas transcrições dos interrogatórios uma sexualidade profundamente deturpada, traduzida em coitos dolorosos com incubus (demônios masculinos) e esterilidade. A ansiedade provocada pelo corpo feminino, cuja luxúria é disseminada na iconografia, pode ser também observada no interesse suscitado pelas dissecações, quando são buscadas respostas à natureza considerada fria e úmida das mulheres, além de sua vinculação ao pecado original.

Paralelamente a esse cenário, delimita-se a imagem da esposa centrada na procriação sem recurso ao prazer dentro do casamento que, por si só, é o destino dos incapazes de viver virtuosamente. No início do século XVII, os cânones anglicanos e católicos quanto ao casamento refletem uma mesma intenção ordenadora e, em ambos os lados do canal, intensifica-se a vigilância moral nas paróquias, revelando a importância do policiamento através do olhar externo previamente ao recalcamento. Nesse sentido, a própria exigência da confissão desde o Concílio de Trento contribui decisivamente para o enraizamento da culpabilidade nos católicos, que têm suas práticas sexuais questionadas pelos confessores.

No entanto, apoiado em fontes jurídicas francesas e inglesas, o autor revela que o rigor moral apregoado pelos discursos eclesiais não se enraizou nas comunidades imediata e intensamente segundo o apelo dos reformadores. Assim, ressalta-se a necessidade de distinção entre os discursos e as práticas, considerando-se, sobretudo, que uma rígida normatização moral é lentamente difundida a partir do grupo em que se difunde primariamente, para apenas paulatinamente atingir outros escalões sociais.

Muchembled dá novos contornos à tese de Max Weber de que o protestantismo traçou os rumos do capitalismo nascente, pois seria no esforço em direção ao autocontrole e à depura-

ção do sexo que reside a originalidade da Europa ocidental moderna. Seguindo o pensamento de Norbert Elias sobre a civilização dos costumes,³ o historiador francês enfatiza o papel desse processo no campo afetivo e na inibição da volúpia, para reforçar a teoria da repressão sexual enquanto um motor ocidental.

O enquadramento juvenil é, para o autor, essencial nesse cenário, e os adolescentes constituem um grupo socialmente definido⁴ muito antes do adequamento de sua sexualidade delimitado por Foucault no século XIX. Em meio à reforma dos costumes e ao avanço da moralização, torna-se indispensável restringir a sexualidade dos jovens que, ademais, vêm progressivamente seus círculos e práticas de solidariedade reduzidos. Assim, encontramos um propulsor fundamental na delimitação das práticas lícitas que buscam o prazer.

Nos grandes centros, ao mesmo tempo que se exalta o modelo conjugal para procriação, entrega-se o prazer à marginalidade, disseminando-se junto às práticas extraconjugais as DST e a ilegitimidade. Assim, evidencia-se que o prazer, mesmo obtido dentro do casamento, condena a mulher, pois está relacionado às prostitutas. O modelo de masculinidade difundido acaba por remodelar a própria relação entre homens, pois o fantasma da homossexualidade começa lentamente a se materializar na esfera pública, passando mesmo a amizade masculina a suspeição. Disseminam-se discursos contra o "vício solitário", e nessa campanha Maurice Daumas ressalta a intenção de se eliminar a sodomia através da perseguição à masturbação e do enfraquecimento dos laços masculinos.⁵

Constata-se que, embora no campo discursivo o prazer não deva ser almejado, sob pena da perdição eterna, ele não deixa de ser explorado e encontra então novos meios de expressão que se chocam com a ortodoxia. Na época barroca, o orgasmo ou 'pequena morte' situa-se paradoxalmente tanto no campo demoníaco quanto, para escritores como Corneille, no campo místico. Em meio à disseminação dos manuais de boa conduta, o lançamento, em 1655, do célebre manual de conduta erótica *L'École des filles*,⁶ cuja abordagem do orgasmo feminino virá a chocar os espíritos decorosos – sem deixar de ser um sucesso editorial –, aponta para uma 'virada pornográfica', observada na França e na Inglaterra.

Chocando-se com a acentuação do disciplinamento nas grandes cidades e a própria concentração do poder real, a pornografia

manifesta-se em meados do século XVII como um exatário, pois, nas palavras do autor, "é justamente o jogo entre a autoridade e a transgressão que lhe dá vida e lhe confere um *status* cultural importante, como testemunho da discordância entre os princípios e as realidades" (p. 158). Contudo, apesar de sua indecorosidade, a pornografia nesse momento endossa os papéis sociais atribuídos aos gêneros, sem questionar-lhes a validade.

Os libertinos inauguram então o segundo período abordado pelo autor, no qual as relações, outrora embasadas em prescrições religiosas e judiciárias, além do controle familiar, são refundadas sobre a razão, o saber médico e uma nova percepção do amor. O princípio da inferioridade feminina encontra a partir desses elementos duas expressões: a esposa, que deve ser confinada ao lar para a proteção de si mesma, e a perdida, conjunção das faces negativas até então projetadas sobre todas as mulheres. O duplo padrão prega a separação entre procriação e prazer para o exclusivo benefício masculino, fundamentada não mais no temor das penas infernais, mas na razão médica.

A disseminação do amor romântico até as regiões mais distantes dos grandes centros a partir de meados do século XVIII obtém alguns resultados importantes analisados pelo autor: crescem as separações por incompatibilidade na Inglaterra no mesmo período e diminuem drasticamente os processos por traição, pois a infidelidade passa a perturbar a esfera privada mais do que a colocar em causa a estrutura social em questão. No entanto, como Anthony Fletcher⁷ já apresentou anteriormente, a concordância dos cônjuges esconde uma armadilha para as mulheres que, ao dar seu aval na união, não deixam de se submeterem aos maridos, mas o fazem através do consentimento àquele que, em teoria, foi por elas escolhido, e recebem continuamente um modelo comportamental adequado através de uma literatura específica.

O puritanismo ultrapassa os limites do reinado de Vitória (1837-1901) e, fomentado pelos filósofos, é adotado pelas burguesias enquanto um modelo de vida diferenciador dos demais grupos sociais. A necessidade despertada de "triunfo sobre o vício", do qual despreende-se o autocontrole, conduz a um recalque dos prazeres, e Muchembled enfatiza o processo de elevação do constrangimento, decorrente da sublimação dos instintos pelo *habitus*, que situa o limiar da transição rumo à inculpação pessoal.

Não admira, portanto, que nesse cenário desenvolva-se a Psicanálise, para desenraizar os traumas gerados pela repressão sexual sofrida desde a infância. Do mesmo modo, com o início da transformação das mentalidades vitorianas, também as autoridades médicas começam a manifestar-se mais expressamente sobre as “anormalidades” como o homossexualismo, o sadismo e o masoquismo, e a masturbação cede espaço nos debates.

Esse processo, no entanto, não se desenrola sem reclames dos moralistas, cuja concepção de mundo fundamentada no duplo padrão começa a ruir com a quebra de tabus, o que afeta notadamente o desequilíbrio da relação entre os gêneros nos grupos trabalhadores. A lei sobre o divórcio, em 1884 na França e em 1920 na Inglaterra, assinala uma ruptura primordial nas estruturas sociais patriarcais, que recebem contínuos abalos em suas fundações. Ademais, os anos seguintes à Primeira Guerra Mundial, com a busca de alívio das tensões, são decisivos na proliferação de práticas voltadas ao prazer e de grupos marginalizados.

Muchembled atribui um papel capital na esteira das transformações à publicação, em 1948, do primeiro relatório de Alfred C. Kinsey, um anúncio da era de libertação feminina do que o autor classifica como “tirania da sexualidade obrigatoriamente fecundadora” (p. 308). Apesar da importância inegável das etapas seguintes, tendo em vista o longo período histórico abordado, elas compreendem um espaço proporcionalmente reduzido na obra: a pílula anticoncepcional criada na década de 1950 e difundida a partir da década seguinte e, na década de 1970, o avanço das demandas e conquistas feministas e, mais lentamente, homossexuais, além do peso da legalização do aborto pela Suprema Corte Americana em 1973, elementos essenciais no progresso em direção à igualdade dos gêneros, o que inclui a busca pelo prazer.

A diferença de mentalidade entre os dois pólos analisados, a Europa ocidental e os Estados Unidos do século XX, aponta não somente uma diferença de valores fundada sobre distintas bases culturais, mas também diferenças internas. Mesmo caracterizando a maior permissividade erótica européia, o autor não deixa de considerar as peculiaridades próprias à Europa nórdica e à França, além da divisão americana entre o Sul tradicionalista e os estados do Nordeste e Nova York. E é o individualismo em marcha nessas áreas que antecipa a liberdade sexual, lembrando-se ainda que, apesar dos imperativos do mercado, que ditam a atual

expansão do erotismo, tradições seculares não são repentinamente obliteradas, e não deixarão de influenciar as gerações futuras na definição de seus papéis

O autor finaliza discorrendo sobre questionamentos essenciais no início do novo século, quando mais uma vez os jovens do sexo masculino se vêem atingidos pelas mudanças, situando-se no limiar entre uma secular tradição machista e as exigências de respeito à igualdade pelas mulheres. Sobre as ruínas do patriarcalismo, minorias outrora marginalizadas conquistam seu direito à existência aberta e à cidadania, mas são sobretudo as mulheres as beneficiadas pela promoção do prazer, libertas da tutela patriarcal e da procriação obrigatória.

Definindo a sexualidade como “a chave da civilização moderna” (p. 346), Muchembled se propõe a trilhar um percurso percorrido por Michel Foucault, no qual confessadamente se inspira, mas que com ele não se estagnou. Mais do que discorrer sobre a historicidade do prazer nos últimos cinco séculos, de modo inovador Muchembled desenvolve uma teoria da sexualidade explicativa da expansão européia na Modernidade.

Notas

¹ MUCHEMBLED, 2001.

² FOUCAULT, 1976.

³ ELIAS, 2003.

⁴ O autor trabalha mais especificamente o assunto em MUCHEMBLED, 1988.

⁵ DAUMAS, 2007, p. 327.

⁶ O livro apresenta a educação sexual de Fanchon por sua prima, Susanne, com detalhes de sua iniciação e busca pelo prazer.

⁷ FLETCHER, 1995.

Referências bibliográficas

- DAUMAS, Maurice. *Au Bonheur des Mâles. Adultère et cocuage à la Renaissance 1400-1650*. Paris: A. Colin, 2007.
- ELIAS, Norbert. *La Civilisation des mœurs*. Paris: Pocket, 2003.
- FLETCHER, Anthony. *Gender, Sex & Subordination in England 1500-1800*. New Haven, London: Yale University Press, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Histoire de la Sexualité*. Paris: Gallimard, 1976. t. 1.
- MUCHEMBLED, Robert. *L'invention de l'homme moderne. Cultures et sensibilités en France du XV^e au XVIII^e siècle*. Paris: Fayard, 1988.
- _____. *Uma história do Diabo: séculos XII-XX*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

Silvia Liebel ■
Université Paris XIII